



**Comunidade de  
Aprendizagem**

**Este material foi elaborado pelos  
concluintes da certificação de formadores  
em Comunidade de Aprendizagem  
realizado em 2016.**

**TEMA: Comissão Mista e papel da  
gestão na liderança dialógica.**



Comunidade de  
Aprendizagem

# O papel do gestor escolar na transformação da escola em Comunidade de Aprendizagem

**Maria Medeiros**

# Introdução

Com o movimento de democratização do acesso às escolas públicas brasileiras, ocorrido durante a década de 1990, e a consequente imposição de desafios educacionais advindos da chegada de diferentes públicos com os quais as unidades escolares não sabiam como lidar, a percepção da importância do papel de liderança do gestor escolar começa a ganhar novos contornos. Antes restrita ao mundo empresarial, a formação de líderes, capazes de propor e implementar soluções adequadas às especificidades do trabalho, foi incorporada pela educação.

Levando em consideração o cenário educacional brasileiro, da primeira década do século XXI até os dias atuais, fica evidente que, além de ampliar o acesso, as demandas que se colocam como emergenciais dizem respeito à garantia da permanência e da conclusão, com êxito, daqueles que chegam até a escola. Para o alcance dessa meta, em um país de dimensões continentais como o Brasil, são necessárias estratégias bem desenhadas e fundamentadas em concepções teóricas e em pesquisas científicas robustas, capazes de contribuir com a oferta de uma educação de qualidade social, em todo território nacional.

Entre as inúmeras propostas disponíveis, que buscam nortear o trabalho educativo desenvolvido nas escolas públicas municipais e estaduais do Brasil, o projeto Comunidade de Aprendizagem do Instituto Natura se apresenta como uma alternativa viável para garantia do êxito educativo dos estudantes de maneira equitativa e, conseqüentemente, para a superação das desigualdades sociais.

A adesão integral ao projeto implica o cumprimento de fases para transformação da escola em uma Comunidade de Aprendizagem que, obrigatoriamente, demandarão um movimento de construção e fortalecimento da convivência e da participação da comunidade, no dia a dia das escolas, por meio do exercício permanente do diálogo igualitário e da escuta qualificada.

Inserido nesse contexto, o gestor escolar é instigado a adotar novas práticas, a assumir outras responsabilidades e a materializar, no chão da escola, os princípios da aprendizagem dialógica, por meio da mobilização da equipe pedagógica, dos professores, dos estudantes, das famílias e da comunidade do entorno, valorizando a participação de todos na tomada de decisões.

De acordo com Lück (2009), em entrevista à *Revista Nova Escola*:<sup>1</sup>

*onde não existe liderança, o ritmo de trabalho é frouxo e não há a mobilização para alcançar objetivos de aprendizagem e sociais satisfatórios. As decisões são orientadas basicamente pelo corporativismo e por interesses pessoais.*

Assim sendo, a forma como o gestor escolar conduz a rotina das atividades pedagógicas, orienta e acompanha os trabalhos dos diferentes grupos implicados no processo educativo dos estudantes impactará diretamente os resultados dos projetos que estão sendo implementados na unidade escolar.

Diante das evidências, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre a importância do papel do gestor escolar na transformação da escola em Comunidade de Aprendizagem. Com isso, propõe-se um olhar diferenciado para a etapa de pré-sensibilização, não claramente destacada nos cadernos do projeto Comunidade de Aprendizagem, dando visibilidade ao momento em que a gestão escolar será convidada a aderir a proposta e contribuir com a mobilização da comunidade.

1. Heloísa Lück fala sobre os desafios da liderança nas escolas. *Revista Nova Escola*. [2009] Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/787/heloisa-luck-fala-sobre-os-desafios-da-lideranca-nas-escolas>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

# Desenvolvimento do trabalho

O Instituto Natura, ao longo dos últimos anos, vem estruturando uma equipe técnica de formadores responsável por apoiar redes de ensino municipais e estaduais na implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem. O arcabouço teórico é fundamentado em evidências científicas da pesquisa INCLUD-ED<sup>2</sup> que conferem a solidez e a credibilidade necessárias para expansão do projeto em contextos sociais tão diferenciados quanto os observados nas escolas brasileiras.

Em linhas gerais, o projeto Comunidade de Aprendizagem pode ser dividido em três macrodimensões ou vivências que se integram e se relacionam: as atuações educativas de êxito, as fases de transformação da escola e os princípios da aprendizagem dialógica. A materialização do projeto, numa escola municipal ou estadual, com turmas da educação infantil, do ensino fundamental ou do ensino médio, obrigatoriamente, dar-se-á por adesão à proposta, que é apresentada em encontros sistematizados pelos formadores do Instituto Natura com o apoio de formadores locais.

O formato de transformação plena da escola, em uma Comunidade de Aprendizagem, segue um percurso denominado de fases da transformação. As escolas, optantes desse formato, passarão pela seguinte sequência de vivências: sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento. Contudo, antes da fase de sensibilização, que se configura como um encontro de formação com a equipe pedagógica e a comunidade escolar, para apresentação das bases teórica e científica do projeto, há um momento, extremamente, relevante e crucial para que seja dado o “start da ação” dentro da escola – a pré-sensibilização com o gestor.

Durante a fase de sensibilização, para que o gestor se posicione diante da comunidade escolar com segurança, apresentando o projeto Comunidade de Aprendizagem como algo da instituição, que tem

2. Pesquisa coordenada pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (Crea) da Universidade de Barcelona e financiada pela Comissão Europeia para identificar atuações de êxito que contribuam para superar o fracasso e evasão escolar.

como propósito fortalecer a parceria entre escola e comunidade para melhoria dos resultados de aprendizagem dos estudantes, é fundamental repensar a etapa de pré-sensibilização.

Após vivenciar a pré-sensibilização, o gestor escolar precisará se colocar como liderança do grupo de professores, representante do sistema educacional ao qual está vinculado, e ser capaz de atuar para eliminação de possíveis constrangimentos durante a implementação, de mediar os conflitos, de superar alguns entraves, de agir com eficiência, levando em consideração o contexto sociopolítico e econômico no qual a escola está inserida, sendo um articulador decisivo da comunidade escolar. Além disso, a decisão de investir, fortemente, na formação do gestor, está ancorada no entedimento de que:

*A gestão escolar constitui uma dimensão importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, se observa a escola e os problemas educacionais globalmente e se busca, pela visão estratégica e as ações interligadas, abranger, tal como uma rede, os problemas que, de fato, funcionam e se mantêm em rede. (LÜCK, 2009, p. 24).*

O desafio do formador sensibilizador será, em um curto espaço de tempo, demonstrar a viabilidade e adequação do projeto Comunidade de Aprendizagem a diferentes cenários e contextos. O seu papel será, ainda, lançar luz sobre os conceitos de diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças, que são os princípios da aprendizagem dialógica, correlacionando-os à prática da gestão democrática e participativa.

Como sugestão, seria válido inserir no diálogo de pré-sensibilização perguntas ao gestor que o ajudem na problematização e na criação de sentido, como por exemplo: “Você tem dificuldade em administrar os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes?”, “As interações promovidas no ambiente escolar têm foco no êxito educativo de todos os estudantes?”, “Quais são essas interações?”, “Que atividades são propostas nas escolas que permitem o diálogo entre os professores?”, “Quais os mecanismos de participação da comunidade no cotidiano

da escola?”, “A comunidade está implicada nas questões relativas a aprendizagem dos estudantes?”.

Além disso, investir na apresentação dos aportes teóricos que subsidiam as concepções do projeto Comunidade de Aprendizagem, demonstrando evidências de que a aprendizagem dialógica é referenciada pela comunidade científica internacional e que, comprovadamente, a implementação das atuações educativas de êxito contribuem para o sucesso dos estudantes e superação das desigualdades sociais.

Realizado esse encontro, esclarecidas, ao gestor escolar, as questões centrais que dizem respeito ao projeto e iniciado o movimento de criação de sentido, estarão estabelecidas as bases para a execução das próximas fases de transformação da escola em Comunidade de Aprendizagem.

# Considerações finais

A prática comprometida e eficiente da gestão escolar, atrelada à capacidade de liderança do gestor, pode fazer a diferença na qualidade da educação, oferecida nas instituições escolares, em especial as da educação pública. Nesse contexto, o gestor escolar deve exercer uma liderança pedagógica materializada no seu envolvimento com as questões curriculares, metodológicas e com a aprendizagem dos estudantes de modo equitativo.

O trabalho do gestor escolar aumenta sua complexidade na medida em que esse profissional, ao ter acesso aos dados gerados pelos diversos sistemas de monitoramento e aos resultados das avaliações internas e externas, deve propor estratégias para operacionalizar ações que visem a mudanças na realidade educacional da sua escola.

As dificuldades de aprendizagem dos estudantes devem inquietar equipe gestora, professores e famílias que, juntos, precisam se debruçar sobre suas causas e as possíveis formas de superação. Nesse sentido, o projeto Comunidade de Aprendizagem, com seu conjunto de práticas e vivências, reúne os pressupostos teóricos e metodológicos para contribuir com as necessárias intervenções pedagógicas a serem realizadas.

Ouvindo os depoimentos dos gestores, convidados para as aulas da segunda edição do Curso de Certificação de Formadores, promovido numa parceria entre o Instituto Natura, Instituto Vera Cruz, Niase (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa) e o Crea (Centro de Investigação em Teoria e Práticas de Superação das Desigualdades), cujas escolas são Comunidade de Aprendizagem, fica evidente que o bom andamento do projeto perpassa por uma gestão escolar verdadeiramente comprometida com a aprendizagem dos estudantes, que acredite nos impactos positivos advindos do fomento às interações dialógicas, e que, sobretudo, seja aberta às mudanças.



Assim sendo, após a decisão institucional do órgão central de educação, municipal ou estadual, por adotar o projeto Comunidade de Aprendizagem, será necessário dedicar tempo à pré-sensibilização dos gestores das escolas selecionadas. Sistematizar e publicar uma pauta com carga horária e conteúdos dessa fase, a fim de garantir um alinhamento conceitual e procedimental entre os formadores, torna-se uma decisão estratégica para expansão do referido projeto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO Natura. *Caderno Comunidade e Aprendizagem*. Comunidade de Aprendizagem. São Paulo, 2016a.

\_\_\_\_\_. *Caderno Princípios da Aprendizagem Dialógica*. Comunidade de Aprendizagem. São Paulo, 2016b.

LÜCK, Heloísa. *Dimensões da gestão escolar e suas competências*. Curitiba: Positivo, 2009.

\_\_\_\_\_. Heloísa Lück fala sobre os desafios da liderança nas escolas. *Revista Nova Escola*, [2009] Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/787/heloisa-luck-fala-sobre-os-desafios-da-lideranca-nas-escolas>>. Acesso em: 25 jun. 2016.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Participação educativa da comunidade na EJA da Emeb Arthur Natalino Deriggi: sonhos e ciência na busca de uma nova escola

**Osmair Benedito da Silva**

# Resumo

Neste trabalho, retratamos a Participação Educativa da Comunidade por meio das Comissões Mistas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Educação Básica (Emeb) Arthur Natalino Deriggi, localizada na cidade de São Carlos, SP. Após a transformação da escola em uma Comunidade de Aprendizagem no ano de 2010 e da seleção de prioridades decorrentes da fase dos sonhos, foram formadas sete comissões para planejar ações na concretização das demandas emergentes, são elas: Acesso e permanência; Aprendizagem, sala de aula e voluntários; Atendimento à saúde; Meio material e físico; Informática; Atividades fora da escola; e Cursos diversos. Nesses anos de CdA foram muitas as realizações e também novos desafios se apresentaram na busca de uma outra escola, combinando ciência e esperança.

## OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar as contribuições da Participação Educativa da Comunidade por meio das Comissões Mistas na eficiência dos processos de ensino e aprendizagem, na equidade e busca de uma maior coesão social.

## PALAVRAS-CHAVE:

Educação de jovens e adultos; Comunidades de Aprendizagem; Participação educativa da comunidade; comissões mistas.

# Introdução

As Comunidades de Aprendizagem são uma proposta baseada na transformação do contexto educativo, com vistas à melhoria do aprendizado dos estudantes e à transformação da comunidade no entorno da unidade escolar (CONSTANTINO et al., 2012). Tal proposta educativa parte da concepção de que a interculturalidade é a chave da aprendizagem, a qual está alicerçada na relação entre os sujeitos, permeada pela concepção dialógica de Freire (1994). Nessa perspectiva, com a participação de toda a comunidade no ambiente escolar, maior será a potencialidade de aprendizagem e de avanços para a sociedade como um todo (MARIGO et al. 2010). Essa proposta de transformação da escola surgiu das experiências educativas inovadoras, como resultado de uma linha de investigação desenvolvida ao longo de vários anos pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (Crea), da Universidade de Barcelona/Espanha.

Em nosso país, essa proposta vem sendo desenvolvida pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (Niase), da Universidade Federal de São Carlos/Brasil (UFSCar). Tanto o Crea quanto o Niase têm socializado o conhecimento científico que embasa o contexto de comunidade de aprendizagem a educadores do Brasil e da América Latina, alicerçado na garantia da aprendizagem de todos os estudantes numa convivência respeitosa. Vale destacar a importante participação do Instituto Natura na divulgação, implementação e formação de formadores em Comunidades de Aprendizagem no Brasil e em países da América Latina.

Nessa proposta educativa estão inseridas as Atuações Educativas de Êxito (AEE) que, segundo Braga e Mello (2014, p. 166), são

*aquelas que comprovadamente produzem resultados positivos ao serem desenvolvidas em diferentes contextos, no alcance da máxima aprendizagem instrumental por todos os estudantes e convívio respeitoso entre todos.*

Dentre elas, temos a Participação Educativa da Comunidade que visa à promoção do envolvimento direto das famílias e da comunidade em todos os espaços escolares, inclusive nos atos decisórios no que se refere à educação dos estudantes. Uma das formas de participação é por meio das comissões mistas, uma forma de organização que assegura a participação da equipe da escola e de membros da comunidade e se encarregam de cumprir as transformações para a realização das AEE e desempenhar, coordenar, supervisionar e avaliar, de maneira constante, algum aspecto ou atividade concreta. No processo de transformação da escola, as comissões mistas têm o papel de converter os sonhos da comunidade em realidade.

A EJA da Emeb Arthur Natalino Deriggi transformou-se numa Comunidade de Aprendizagem no ano de 2010, passando por todas as fases de transformação. Com base nos sonhos dos estudantes e de toda a comunidade escolar, foram selecionadas prioridades e formadas comissões mistas com o intuito de concretizar esses sonhos.

# Desenvolvimento do trabalho

Como exposto anteriormente, a EJA da Emeb Arthur Natalino Deriggi, no ano de 2010, passou pelas seguintes fases de transformação em uma Comunidade de Aprendizagem: sensibilização, tomada de decisão, sonhos, seleção de prioridades e planejamento. Durante a fase dos sonhos, buscando extrair de toda a comunidade escolar (estudantes, docentes, funcionários, familiares e pessoas da comunidade) as suas demandas e sonhos para uma escola melhor para todos/as. Com base nesse levantamento, foi possível formar sete comissões mistas, num processo de trabalho em conjunto para discutir e elaborar ações, no intuito de atender às demandas e alcançar os sonhos da comunidade escolar.

Essas comissões foram formadas por integrantes da comunidade escolar e do entorno e com funções específicas de acordo com a categorização dos sonhos. São as seguintes: Acesso e permanência – com o objetivo de assegurar o acesso democrático e a permanência dos estudantes na escola; Aprendizagem, sala de aula e voluntários – com o objetivo de cuidar para que as atuações educativas de êxito acontecessem constantemente na escola; Atendimento à Saúde – com o objetivo de elaborar ações para que os estudantes e pessoas da comunidade pudessem ter um suporte à saúde por meio de palestras informativas e exames preventivos; Meio material e físico – com o objetivo de atender às demandas por espaços físicos e materiais para a elaboração das atuações educativas de êxito e outras atividades; Informática – com o objetivo de garantir a utilização de computadores nas aulas e oferecer cursos de informática para os estudantes e integrantes da comunidade; Atividades fora da escola – com o objetivo de organizar visitas pedagógicas a museus, centros de ciências, teatros, cinemas, entre outros espaços educativos; Cursos diversos – com o objetivo de organizar e oferecer cursos para a comunidade escolar, do entorno e familiares. Todas as ações dessas comissões foram sustentadas pelos princípios da Aprendizagem Dialógica.

Com reuniões e assembleias periódicas e a participação dos membros das comissões, foi possível realizar várias ações educativas e sociais que se concretizaram ao longo desses seis anos. A seguir, apresentaremos algumas dessas conquistas e ações realizadas por cada comissão mista e as novas demandas que foram surgindo durante o processo.

## I. ACESSO E PERMANÊNCIA

Demandas e realizações:

– Local para deixar os filhos na escola: os estudantes com filhos menores, principalmente as mulheres, acabavam desistindo do curso para poder cuidar das crianças. Para atender a essa demanda, conseguimos voluntários para acolher essas crianças, com o oferecimento de atividades lúdicas e descontraídas oferecidas durante o período de aulas.

– Melhorar o convívio entre os estudantes: alguns estudantes se queixavam do convívio não harmonioso entre jovens e adultos, pois dentro da sala de aula ocorriam conflitos decorrentes das diferentes faixas etárias. Para atenuar esse problema, professores e a gestão da escola passaram a dialogar com os estudantes, levando em conta temáticas de respeito e tolerância às diferenças. Também foram convidados palestrantes que trouxeram para o debate temas relativos ao respeito, à diversidade e à prevenção e resolução de conflitos. Ademais, com a implementação das atuações educativas de êxito, como as tertúlias dialógicas, a biblioteca tutorada e os grupos interativos, houve uma melhora qualitativa nas interações, tendo em vista que a dinâmica de trabalho nessas atividades demanda a solidariedade, o respeito mútuo e o trabalho em equipes heterogêneas.

– Oferecimento de ensino médio: a EJA da Emeb Arthur Natalino Deriggi oferece cursos de alfabetização (Fase 1) e de Ensino Fundamental (Fase 2). Assim, os estudantes que terminam a Fase 2 têm que procurar outra escola do bairro para continuar seus estudos.

Nesse contexto, os estudantes reivindicaram o oferecimento do Ensino Médio pela escola. Como essa demanda não dependia apenas da ação da comunidade escolar, buscamos conversar com representantes da Secretaria Municipal de Educação (SME), que nos informou ser impossível a criação do ensino médio, já que a rede municipal de ensino tem como prioridade o Ensino Fundamental. Dessa forma, devido à conjuntura legal do sistema educacional do município, esta demanda não foi possível de ser atendida.

Novas demandas: Transporte escolar; aumentar a segurança da escola (guarda municipal); aumentar o número de funcionários (merendeiras, auxiliares de limpeza etc.).

## 2. APRENDIZAGEM, SALA DE AULA E VOLUNTÁRIOS

Demandas e realizações:

– Necessidade de voluntários: para que as AEE ocorressem seria necessária a participação de voluntários da comunidade. Assim, por meio da atuação dos integrantes dessa comissão, foram cadastrados cerca de 25 voluntários (estudantes da UFSCar/Niase, da Pedagogia, Biologia, Educação Ambiental da UFSCar, de Pedagogia e Psicologia do Centro Universitário Central Paulista – Unicep, ex-estudantes da própria escola e de outras escolas do bairro e membros da comunidade), que passaram a atuar nas tertúlias dialógicas, nos grupos interativos, na biblioteca tutorada e nas comissões mistas.

– Grupos interativos em todas as disciplinas: após a realização dos primeiros grupos interativos, os estudantes solicitaram que estes fossem realizados com maior frequência e em todas as disciplinas, tendo em vista que inicialmente essa atividade foi realizada principalmente nas aulas de Matemática. Assim, os grupos interativos foram implementados nas classes de alfabetização e nas disciplinas de Ciências, História, Geografia, Língua Portuguesa e Inglês, com evidente melhoria na convivência entre todos e nos resultados acadêmicos.



– Reforço de estudos: os estudantes solicitaram a extensão de estudos além do tempo das aulas, principalmente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Assim, com o auxílio de voluntários da universidade e da comunidade, colocamos em prática a AEE conhecida como biblioteca tutorada, onde os estudantes tiveram a possibilidade de estudos extraclasse nessas disciplinas. Essas atividades ocorrem uma hora antes do período normal de aulas.

– Tertúlias literárias: as tertúlias literárias contribuem para o desenvolvimento da leitura, da argumentação e da convivência respeitosa entre todos. Essa atividade foi realizada em todas as turmas, com a escolha de títulos clássicos da literatura mundial pelos estudantes orientados pelos docentes de Língua Portuguesa. Foram realizadas também tertúlias de arte e videotertúlias.

– Parcerias: firmadas para garantir as demandas relacionadas à aprendizagem dos estudantes, entre elas, destacamos: com a Universidade de São Paulo – USP (doação de computadores), UFSCar/ Niase (voluntários/estagiários), Unicep – Cursos de Pedagogia e Psicologia (estagiários/voluntários), UFSCar – Cursos de Pedagogia, Biologia e Educação Ambiental (estagiários/voluntários).

– Estudo bíblico: alguns estudantes pediram que pudessem realizar estudos bíblicos fora do horário escolar, independente da religião de cada participante. Para atender a essa demanda, foi disponibilizada uma sala para que os interessados se reunissem uma hora antes de começarem as aulas e ali lessem e refletissem sobre os textos lidos. Embora a base do ensino público seja laica, essa proposta foi interessante, pois não foi “levantada a bandeira” de nenhuma religião e ela contribuiu para a convivência harmoniosa entre os educandos, pois nesses encontros discutiam-se temáticas de união e respeito ao próximo.

Novas demandas: formação de turmas para a Educação Física; estabelecer novas parcerias (Rotary Clube, Serviço Social da Indústria – Sesi; Unimed etc.); palestras sobre direitos e deveres com advogados, juízes e promotores de justiça.

### 3. ATENDIMENTO À SAÚDE

Demandas e realizações:

– Palestras e exames preventivos: estudantes da EJA e membros da comunidade indicaram a necessidade de palestras sobre prevenção de doenças e a possibilidade da realização de exames preventivos. Para atender a essas demandas fizemos parcerias com o Posto de Saúde da Família do bairro e com graduandos do curso de Medicina da UFSCar e, por meio dessas parcerias, foram ministradas palestras sobre os problemas causados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas, sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs/Aids). Além disso, foi possível a realização de uma palestra sobre diabetes e da efetivação de exames preventivos para essa doença, como também aferição da pressão arterial dos educandos, aconselhando aqueles que apresentaram algum problema a procurar o posto de saúde para aprofundar o diagnóstico. Também foram feitos exames de vista em parceria com uma ótica da cidade, com encaminhamentos para exames mais minuciosos para aqueles que apresentaram problemas de visão.

– Discussão na biblioteca sobre saúde: no intuito de saber mais sobre algumas doenças, os estudantes pediram para que fossem discutidas, na biblioteca, temáticas ligadas a doenças mais comuns no nosso cotidiano. Dessa forma, a professora responsável pelo projeto leitura na EJA, cujo objetivo é o estímulo à leitura, preparou diversas apresentações relacionadas a doenças que estavam a todo o momento sendo difundidas na mídia, como as DSTs, dengue, ebola, entre outras.

Novas demandas: palestras sobre saúde e nutrição; dentista na escola; elaboração de cartazes educativos sobre normas de higiene: utilização do bebedouro, limpeza e conservação das salas de aula e também sobre a prevenção de doenças.

### 4. INFORMÁTICA

Demandas e realizações:

– Utilização dos netbooks nas aulas: existem alguns netbooks na escola, no entanto eles não estavam sendo utilizados com muita frequência nas aulas. Por isso, professores e voluntários se organizaram para preparar aulas de pesquisas e utilização de *softwares* livres. A maioria dos professores conseguiu, de alguma forma, utilizar os netbooks, contribuindo para a inclusão digital dos estudantes. Porém, alguns entraves acabavam atrapalhando nosso trabalho, como a queda da rede wifi e computadores com problemas técnicos. Dessa forma, surgiu uma nova demanda dentro dessa comissão que explicitamos a seguir:

– Necessidade de computadores e sala fixa de informática: devido aos problemas conjunturais apontados anteriormente, criou-se uma nova demanda que foi discutida em uma das reuniões. Nessa reunião estava presente uma representante da SME, que se prontificou em nos ajudar com essas pendências, firmando uma parceria com a USP de nossa cidade, que nos doou 16 computadores, os quais foram instalados em uma sala na biblioteca da escola. Assim, iniciamos o ano de 2015 com novos computadores e uma sala dedicada às aulas de informática.

Novas demandas: ampliação do uso da informática nas aulas regulares; curso de informática aos sábados; disponibilizar o uso dos computadores na biblioteca para a realização de pesquisas de trabalhos e um voluntário para apoiar; internet disponível.

## 5. MEIO MATERIAL E FÍSICO

Demandas e realizações:

– Espaços para aulas práticas de Ciências: foi discutida a necessidade da existência de espaços na escola para a realização de aulas práticas de Ciências, já que as salas de aulas não tinham estrutura para a realização desse tipo de aula. Para sanar essa pendência, uma das salas existente na escola, que continha pia e armários, foi adaptada para que ocorressem as aulas práticas de Ciências. Com o auxílio de voluntários da comunidade e de kits de materiais emprestados pelo Centro de

Divulgação Científica e Cultural (CDCC) da USP de São Carlos, o professor de Ciências realizou periodicamente aulas práticas.

– Sala de informática: como exposto anteriormente, uma sala anexa à biblioteca da escola foi utilizada para a montagem dos computadores doados pela USP de São Carlos e passou a funcionar como sala de informática.

– Substituição e/ou conserto dos ventiladores: essa demanda apareceu em consequência ao intenso calor, principalmente no período do verão. Esse serviço foi solicitado junto à SME e assim todos os ventiladores que estavam com problemas foram substituídos por outros novos.

– Biblioteca móvel: alguns estudantes indicaram a necessidade da obtenção de livros pela escola, apropriados às faixas etárias dos adolescentes e adultos. Com o empenho dessa comissão, recebemos a doação de vários exemplares destinados a esse público-alvo e também títulos específicos de EJA do Ministério da Educação – MEC.

Novas demandas: conseguir materiais de laboratório para a escola; realizar um levantamento com os estudantes sobre o espaço físico da escola e seu funcionamento.; academia na escola; colocar em funcionamento a lousa digital.

## 6. ATIVIDADES FORA DA ESCOLA

Demandas e realizações:

– Visitas pedagógicas: visando ampliar o repertório cultural dos estudantes e da comunidade, foram solicitadas visitas pedagógicas a museus, centros de ciências, cinemas e outros espaços não formais de ensino. Dessa forma, foram realizados alguns agendamentos e visitas destacadas a seguir: ao Observatório astronômico da USP, ao Museu da Ciência de São Carlos “Prof. Mário Tolentino”, ao Museu da TAM, ao Museu São Carlos, à Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda, ao Teatro Municipal de São Carlos e à UFSCar. Esses passeios

pedagógicos, além de contribuírem para o aprendizado dos envolvidos fizeram com que eles valorizassem a riqueza cultural de sua cidade.

Novas demandas: visitas às fazendas históricas da região, agendar as saídas esporádicas de acordo com a programação local a ser verificada no mês (por exemplo, Sesc, Teatro Municipal, Cinema, Museu da Ciência) e assistir à aula na universidade.

## 7. CURSOS DIVERSOS

Demandas e realizações:

– Curso de informática: os alunos e representantes da comunidade pediram a criação de um curso de informática para que os mesmos pudessem sanar algumas dificuldades que tinham para utilizar o computador. Com a participação de voluntários da comunidade e da UFSCar, foi possível montar um curso básico de informática para os alunos e demais membros da comunidade. O curso foi oferecido uma vez por semana, antes de início das aulas, e foi viabilizado em parceria com a comissão de informática. Esse trabalho foi importante para a inclusão digital dos participantes e auxiliou na instrumentalização destes para utilizarem essa tecnologia em outros espaços.

– Curso de inglês: atualmente a língua inglesa é de grande importância para as relações comerciais, turísticas e culturais. No entanto, grande parte da população brasileira tem dificuldades de aprender essa língua durante a vida escolar e muitos não têm condições de pagar um curso particular de línguas para aprofundar seu conhecimento. Nossa comunidade escolar se encaixa neste perfil, por isso, fez-se necessária a criação de um curso básico de inglês, para que nossos educandos e integrantes da comunidade tivessem a oportunidade de ter um contato maior com a língua inglesa. Como a proposta do curso era mais flexível, foi possível trabalhar de forma lúdica e participativa conceitos básicos da língua inglesa, buscando dessa forma, facilitar o aprendizado dos participantes de uma nova língua.

- Curso de espanhol: assim como com a língua inglesa, os estudantes solicitaram ter aulas de espanhol. O curso foi oferecido uma vez por semana, também uma hora antes do início das aulas, por voluntários do Niase/UFSCar.
- Capoeira e alongamento: um dos pedidos dos estudantes foi a realização de alguma atividade esportiva na escola. Assim, um representante da comunidade e mestre em capoeira se propôs em ministrar aulas antes do horário letivo. Dessa forma, as aulas de capoeira e alongamento passaram a ocorrer semanalmente com a participação de estudantes e de pessoas da comunidade. Essa atividade foi importante, pois promoveu a interação entre os participantes, contribuindo para a melhor convivência entre todos.
- Atividades/oficinas: outra demanda emergente foram as atividades que dessem subsídios aos estudantes para participarem de entrevistas de trabalho e dinâmicas de grupos. A docente responsável pelo projeto “Leitura na EJA” desenvolveu essas atividades junto aos estudantes de todas as salas.

Novas demandas: cursos de informática, inglês e espanhol aos sábados; oficina de artesanato; cursos profissionalizantes; jogos esportivos (futebol, vôlei etc.); oficinas de teatro, dança e música; curso de habilitação de motorista; curso técnico de segurança do trabalho e curso pré-vestibular.

# Considerações finais

Corroborando com as ideias de Freire: “[...] para mim é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.” (FREIRE, 2000). Ao se transformar em uma Comunidade de Aprendizagem, ousamos em sonhar e acreditar que uma nova escola era possível. Depois de seis anos de transformação, com a participação de todos foi possível concretizar inúmeros desses sonhos que evidenciaram a melhoria acadêmica e de convivência. Essas conquistas foram explicitadas nas ações realizadas pelas comissões mistas, formadas a partir das demandas emergentes na escola. No entanto, os entraves e as angústias encontrados durante o processo, embora não explicitados diretamente durante este texto, também foram importantes para o processo de transformação cultural e social da nossa instituição. Nessa perspectiva, entendemos que a educação, seguindo os pressupostos de Paulo Freire, é um encontro entre sujeitos que dialogam procurando conhecer a significação da realidade e que, na práxis, buscam – e podem encontrar – o poder da transformação. Assim, entendemos que nossas ações podem e devem ser muito mais que um processo de treinamento ou domesticação, trata-se de um processo que nasce da observação e da reflexão em grupo e culmina na ação transformadora. É nesse sentido que vemos a importância de ser uma Comunidade de Aprendizagem, pois entendemos que a educação por si só não é a garantia de transformações sociais, mas que estas são impossíveis, sem a visão crítica da realidade, presente no processo educativo (FREIRE, 1967).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Fabiana Marini; MELLO, Roseli Rodrigues. Comunidades de Aprendizagem e a participação educativa de familiares e da comunidade: elemento-chave para uma educação de êxito para todos. *Educacao Unisinos*, v. 18, p. 165-175, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2014.182.07/4232>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

CONSTANTINO, Francisca de Lima et al. Comunidades de Aprendizagem: construindo uma nova forma de ser escola. *Rev. Ciênc. Ext.* v. 8, n. 3, p. 205-211, 2012. Disponível em: <[http://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/viewFile/814/762](http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/viewFile/814/762)>. Acesso em: 4 ago. 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. *Essa escola chamada vida*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MARIGO, Adriana F. C. et al. Comunidades de Aprendizagem: compartilhando experiências em algumas escolas brasileiras. *Políticas Educativas*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 74-89, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/view/22723/13208>>. Acesso em: 6 ago. 2016.





Comunidade de  
Aprendizagem

# As comissões mistas como um caminho para democratização do espaço escolar

**Maria Gabriela dos Santos Rodrigues**

# Resumo

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a importância da participação por engajamento, segundo Lück (2013), dos professores e familiares na escola, apresentando estratégias para ampliar os espaços de participação no ambiente escolar, a partir do projeto Comunidade de Aprendizagem.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Gestão Democrática;  
Comunidade de  
Aprendizagem;  
Comissões Mistas

# Introdução

As discussões acerca da gestão democrática apontam diferentes desafios para a sua concretização. Entre eles destacamos as limitações encontradas pelos docentes e familiares no ambiente escolar em relação a sua participação nas tomadas de decisões.

Sabemos que a participação em seu sentido de interapoio e integração visa construir um ambiente de troca, reciprocidade e compartilhamento de responsabilidades. Nessa direção, cabe aos gestores a capacidade de articulação e desenvolvimento de habilidades e atitudes de participação dos docentes e familiares, deixando de lado práticas autoritárias e centralizadoras que afetam o nível de participação no espaço escolar.

Nesse sentido, é primordial o diálogo dos gestores com os docentes para conscientizá-los a respeito da importância de participarem e intervirem com competência nas decisões da instituição escolar, como também criar estratégias que facilitem a participação efetiva da família nas atividades e tomada de decisões na escola.

Como base de estudo, apoiaremos-nos na participação como engajamento, por ser, segundo Lück (2013), o nível mais completo de participação. Esse modelo de participação implica estar presente, propor ideias, considerar as diversas opiniões e pensamentos, desenvolvendo estratégias necessárias à efetivação das decisões tomadas. Tendo em vista esses aspectos, a participação por engajamento contribuirá para a qualidade do processo educacional como apontado por Lück (2013), “a qualidade do ensino depende de que as pessoas afetadas por decisões institucionais exerçam o direito de participar desse processo de decisões, assim como tenham o dever de agir para implementá-las” (p. 48).

Para tanto, a partir da proposta do projeto Comunidade de Aprendizagem, apresentaremos caminhos necessários para a

construção de espaços de participação que tornem a gestão escolar democrática. Dessa forma, propomos, como objetivo geral, refletir sobre a importância da participação dos professores e familiares na escola, apresentando estratégias para ampliar os espaços de participação no ambiente escolar, a partir do projeto Comunidade de Aprendizagem.

# Desenvolvimento do trabalho

## **PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE**

Esse é, sem dúvida, o maior desafio das instituições de ensino, trazer a família, a comunidade para dentro da instituição, de maneira que possam participar ativamente de todas as atividades e ações que são desenvolvidas na escola, assim como nas tomadas de decisões.

Com o turbilhão de coisas acontecendo no dia a dia ao mesmo tempo, trabalho, cuidar da casa e dos filhos, estudar, ter lazer, tudo isso implica a quantidade de tempo disponível. Aliás, a falta de tempo é o grande argumento usado como justificativa para a não participação e também a não flexibilização dos espaços-tempos para que a comunidade possa de fato fazer parte do cotidiano escolar. Mas existem instituições que estão avançando em relação a esse tema: as escolas consideradas Comunidade de Aprendizagem, que têm em sua essência a participação efetiva, ou como nos diz Lück (2013), a “participação por engajamento” da comunidade, com o objetivo de superar as desigualdades educacionais e, conseqüentemente, as desigualdades sociais.

Conhecer as formas de participação presentes nesses espaços é um caminho para mudar a cultura da queixa presente no cotidiano escolar, pois a escola se queixa de que os familiares não participam e os familiares de que não há espaço para a sua participação. Dessa forma, a pesquisa INCLUD-ED, em que se baseia o projeto Comunidade de Aprendizagem, identificou que existem cinco formas de participação dos familiares presentes no ambiente escolar, são elas: participação informativa, consultiva, decisiva, avaliativa e educativa.

As duas primeiras formas de participação (informativa e consultiva) citadas acima, segundo a pesquisa INCLUD-ED, têm menor probabilidade de conseguir êxito escolar e participação das famílias e são as mais presentes no contexto atual das escolas brasileiras em

geral, pois os familiares são convidados a ir para a escola participarem de reuniões cujo objetivo é o de apenas informar ou consultar os familiares em relação a alguma demanda da escola ou atividade que ela irá realizar.

As três últimas formas de participação citadas acima (decisiva, avaliativa e educativa) são aquelas com a maior probabilidade de conseguir êxito escolar e participação das famílias; é o que Lück (2013) chama de participação por engajamento no ambiente escolar, pois os familiares são convidados a participarem das tomadas de decisões da escola, a ver junto com os educadores os melhores acordos para a educação dos estudantes e trocar conhecimentos com toda a comunidade escolar, sentindo-se corresponsáveis pelo espaço e pela educação dos estudantes.

Os espaços de participação presentes nas escolas que não são consideradas Comunidade de Aprendizagem são limitados e há pouca interação entre os participantes. Normalmente, os familiares são convidados a participar de reuniões de pais e mestres, plantão pedagógico, palestras e festividades, atividades que muitas vezes ficam na cultura da queixa e pouco motivam os familiares a quererem participar de outros momentos.

A proposta das Comunidades de Aprendizagem é ir além, é envolver toda a comunidade nas atividades desenvolvidas na escola, convidando-os, inclusive, a pensar sobre como realizar tais atividades, como melhorar a relação entre professor-aluno, aluno-aluno, escola-família. É chamar os familiares a assumir o seu papel na escola e ser responsável, assim como a escola na aprendizagem dos alunos/as.

O projeto Comunidade de Aprendizagem baseia-se em um conjunto de práticas educativas de êxito que contribuem para a transformação social e educativa, envolvendo a participação de todos aqueles que, de forma direta ou indireta, influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento de todos os estudantes. O foco central da transformação está na perspectiva dialógica da aprendizagem, na qual todos participam e interagem de maneira igualitária.

A aprendizagem dialógica, baseada em uma concepção comunicativa, entende que as pessoas aprendem a partir das interações com outras. Pautada em sete princípios, que estão presentes em todas as ações do projeto Comunidade de Aprendizagem, são eles: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental e igualdade de diferenças.

Os princípios da Aprendizagem Dialógica estão presentes em todas as Atuações Educativas de Êxito, identificadas e comprovadas cientificamente pela pesquisa INCLUD-ED, que contribuem para o aumento do rendimento escolar e melhoram a convivência nos espaços escolares em que são aplicadas. São sete as atuações educativas de êxito identificadas pela pesquisa que podem ser implementadas em Comunidades de Aprendizagem: Grupos Interativos, Tertúlias Dialógicas, Biblioteca Tutorada, Formação de Familiares, participação Educativa da Comunidade, Modelo Dialógico de Resolução de Conflito, Formação Pedagógica Dialógica.

A participação efetiva dos familiares nas escolas que são Comunidades de Aprendizagem é possível por meio da implantação de todas as atuações, mas iremos destacar um em específico, que pode contribuir ainda mais para que haja a participação por engajamento no ambiente escolar, como foco nas tomadas de decisões e compartilhamento de responsabilidade, que é a atuação Participação Educativa da Comunidade. Esta surge como uma alternativa de abertura do espaço escolar para toda a comunidade e tem como objetivo principal compartilhar as responsabilidades dos agentes da comunidade educativa a respeito das decisões que afetam a escola.

O projeto Comunidade de Aprendizagem propõe a criação de espaços nos quais os familiares, os/as professores/as, e membros da comunidade possam falar, expressar suas opiniões, debater e chegar a consensos em relação à educação que todos querem para os estudantes, participando da supervisão dos acordos e atuações da escola, assim como dos resultados acadêmicos.

As assembleias e as comissões mistas são atuações que podem garantir esse tipo de participação, pois têm em sua essência o princípio do

diálogo igualitário que coloca todos os membros participantes na mesma condição, professorado e familiares tratando de assuntos referentes à melhora da convivência dos alunos e também da aprendizagem, rompendo com as relações de poder presentes na escola, pois o mais importante são os argumentos e não o cargo que a pessoa ocupa. O princípio da inteligência cultural se faz presente também porque há o respeito e a valorização das famílias na contribuição da aprendizagem dos educandos.

Essas atuações surgem como estratégias que podem contribuir para tornar o espaço escolar mais democrático e acessível a toda a comunidade, pois descentraliza o processo de tomada de decisões da gestão e compartilha as responsabilidades com todos que fazem parte da comunidade escolar dando voz aos sujeitos que são parte da comunidade escolar e que há muito tempo são silenciados.

A escola municipal Sebastião José da Silva, localizada no agreste pernambucano, no município de Belo Jardim, está se transformando em Comunidade de Aprendizagem e passou pela fase de planejamento dos sonhos que a escola poderá realizar. Após a fase dos sonhos, a escola montou uma comissão mista para, em conjunto, selecionar os sonhos que são possíveis para a escola realizar. A partir desse momento, a equipe escolar precisou começar a pensar e se organizar de forma diferente. Foi o primeiro passo para o início da transformação desse espaço escolar, o primeiro passo para que de fato o espaço escolar possa ser um lugar mais democrático. Ao abrir espaço para ouvir o que os familiares, funcionários e professores têm para falar, foi possível perceber os diversos olhares, os diversos argumentos que cada um tem a contribuir e mostrar que todos fazem parte da comunidade escolar. Assim, todos se tornam responsáveis pela manutenção do espaço físico e da qualidade do ensino-aprendizagem dos estudantes.



# Considerações finais

A comunidade contribui de forma significativa para a melhoria da qualidade da educação e da convivência cotidiana entre os alunos, professores e familiares. É necessário ter o entendimento de que participar vai além de se fazer presente na escola: participar é de fato se engajar nas atividades, no processo de tomada de decisão e na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio da interação, do diálogo e do consenso.

Por fim, o projeto Comunidades de Aprendizagem é uma opção de tornar as escolas mais democráticas, compartilhando as responsabilidades, ou seja, descentralizando o poder de tomada de decisão da escola em todos os aspectos, abrindo o espaço para que todo o seu núcleo se sinta integrado e ativo nessas tomadas de decisões, tendo as famílias, os funcionários e toda a comunidade como motor de transformação do contexto e de melhora da convivência e excelência na aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÜCK, Heloísa. *A gestão participativa na escola*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Série Cadernos de Gestão).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa. Comunidade de Aprendizagem. Disponível em: <[http://www.niase.ufscar.br/\\_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informações-gerais-traduzido-pdf](http://www.niase.ufscar.br/_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informações-gerais-traduzido-pdf)>. Acesso em: 6 set. 2016.



**Comunidade de  
Aprendizagem**

[www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)